



Problemas de saúde

Congressistas de ambas as representações que povoam as duas Casas do nosso sistema bicameral têm ocupado com frequência, a atenção de seus pares com problemas referentes à saúde da população brasileira.

Com maior ou menor veemência, dependendo da coloração que lhes empresta a respectiva bancada, mostram-se eles inquietos com a ausência de uma ação maciça e decisiva contra o relativo abandono a que, de há muito, foi relegado o sistema assistencial, de um lado, e o aparelhamento médico-hospitalar, de outro.

Há, ainda, quem se dedique a outro aspecto da mesma problemática: uma fiscalização rigorosa em torno de fórmulas integrantes de certos produtos farmacêuticos.

Recentemente, o deputado Jaison Barreto, de Santa Catarina, alinhou uma série de medicamentos condenados pelas autoridades sanitárias dos Estados Unidos e que aqui circulam livremente, quando, na origem, os laboratórios deixaram de industrializá-los.

Estão nesse caso aquelas fórmulas onde intervém o agente químico da área dos dipironas, que concorrem perigosamente para perturbar a própria composição sanguínea dos pacientes.

Já o representante paulista José Camargo afirma que nos mantemos como recordistas de moléstias banidas em todos os países desenvolvidos, concorrendo com as nações mais atrasadas, e muitas vezes superando-as.

E exemplificou — para não sair do território que representa — com o Vale do Ribeira, no Estado mais desenvolvido e rico do país, bem como o Vale do "Quitinhonha," onde mais de 90 por cento da população escolar sofrem da doença de Chagas".

Entende ele que a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social poderá representar um passo à frente para o equacionamento e solução de tão terríveis problemas mas — adverte — também poderá ocorrer o oposto, no esvaziamento ainda maior do Ministério da Saúde e a dispersão de recursos e esforços.

São preocupações inocultavelmente procedentes e delas temo-nos feito eco, em diferentes oportunidades, através de reportagens que ilustram com realismo os aspectos mais graves da situação.

Como não poderia deixar de ser, temo-nos ocupado do clima reinante, a esse propósito, no Distrito Federal, por ser esta a área por excelência de nossa atuação.

Pelo fato mesmo de ser a sede política e administrativa da Nação, não pode a Capital da República ficar adstrita à escassez dos meios que o Executivo local esteja em condições de fornecer.

Uma simples Secretaria, escassa de elementos, material humano e financeiro, por incessante que se revele em sua vigilância, não disporá da instrumentação necessária para alçar-se à altura das necessidades da mais moderna metrópole do mundo ocidental.

Por isso, a ação dentro de Brasília terá de ser integrada, com interveniência destacada dos órgãos federais, que aqui se encontram para receber estadistas, diplomatas, cientistas, estudiosos, técnicos, artistas, enfim, a variada gama que forma a elite espalhada pelos quatro cantos do universo.

A cidade, portanto, deve apresentar características de higidez que, infelizmente, estamos longe de atingir.

Estamos entrando, apenas, na segunda década de nossa existência.

E com menos de quinze anos, já apresentamos problemas próprios de velhas cidades.

Higiene do trabalho e saúde pública precisam, por isso, conjugar suas atividades.

Um surto de meningite surgido há poucos dias e para o qual o governo está tomando providências positivas, inclusive através da vacinação — foi o suficiente para demonstrar o estado subumano em que vivem os operários da construção civil.

Atirados em mansardas repugnantes, a que se convencionou dar o nome de dormitórios, ali pouco mais do que sobrevivem, já que a própria vida vegetativa aparece como discutível.

Sem saber ao certo o que ocorre em derredor de si, esses habitantes do submundo do trabalho, assustados com a morte de alguns companheiros de infortúnio, decidiram, alguns, fugir para suas terras: sabiam, apenas, que havia gente morrendo de uma moléstia misteriosa.

E tratava-se, na realidade, de casos, mais tarde comprovados, de incidências meningocócicas.

Outro ângulo do problema que nos inquieta: a desratização, vez por outra atacada e logo depois abandonada por falta de recursos.

Sabendo-se, como se sabe, que o roedor revela-se vetor das piores enfermidades, das pestes mais cruciantes, bastaria dar-lhe azo à transmissibilidade para que toda a Capital se transformasse num pátio dos milagres ou num acampamento dos pestilentos que povoavam vales dos tempos bíblicos.

Por todas essas razões, é tempo de uma união entre todos os departamentos da área da saúde, da higiene, do trabalho, da fiscalização em geral, para devolvermos à cidade o seu "status" de Capital da República.